

SUBIR A ESCALA POR DENTRO

Por Aínor Francisco Lotério

Havia um silêncio na sala quando o professor entrava trazendo as provas corrigidas. Não era medo, era espera. Naquele tempo as notas eram assim, por conceitos, e vejam só que interessante: em vez de um número, vinha escrita à caneta uma palavra sobre cada um de nós. Insuficiente, regular, satisfatório, bom, ótimo. Cinco palavras que a gente levou para a vida inteira sem perceber, guardadas não no caderno, mas em algum lugar mais fundo, onde moram as coisas que nos formam.

Passaram-se décadas e essas palavras continuam nos avaliando. Mudaram de lugar, não de função. Hoje elas aparecem na reunião de resultados, na conversa do casal, no espelho do banheiro pela manhã, no silêncio que segue um elogio que não veio. E a pergunta que elas fazem é sempre a mesma, disfarçada de mil formas diferentes: em que degrau você está hoje?

Insuficiente não é sentença, é ponto de partida. Todo mundo começou ali, em alguma coisa, em algum momento. A palavra apenas diz que falta algo, e quem sabe o que falta já descobriu por onde começar. O erro não é ser insuficiente. O erro é ficar. É transformar um retrato provisório em identidade permanente, e passar a vida inteira respondendo por uma condição que já deveria ter sido superada.

Regular é quem cumpre. Faz o combinado, não incomoda ninguém, não brilha. É a zona mais confortável e por isso mesmo a mais perigosa, porque o regular dorme tranquilo enquanto a vida passa do lado de fora, sem bater à porta duas vezes.

Satisfatório é quem entrega o esperado. Merece respeito e não deixa marca. Atende, mas não transforma. Cumpre a régua sem nunca perguntar se a régua é a medida certa das coisas.

Bom é quem domina o ofício e o repete com constância. Chegar até aqui custa anos, custa noites mal dormidas, custa recomeços. É onde vive quase toda a gente decente deste mundo, e não é pouco. É o degrau da responsabilidade cumprida, do trabalho que sustenta uma casa, uma família, uma reputação.

Ótimo é raro. Não é fazer mais, é fazer com alma. É quando o trabalho deixa de ser tarefa e vira assinatura, quando quem recebe percebe que teve alguém inteiro do outro lado. O ótimo não se mede pelo tamanho do gesto, mas pela presença inteira de quem o faz.

Como se sobe essa escala

Olhando para dentro, nunca para o lado. Quem se compara sobe por inveja e desce por desânimo, porque sempre haverá alguém melhor e sempre haverá alguém pior, e nenhum dos dois tem qualquer coisa a ver com você. Quem se examina sobe por consciência. A pergunta certa nunca é quem sou melhor do que. A pergunta certa é o que ainda me falta.

Chamo esse movimento de Sétima Direção: depois de olhar para frente, para trás, para cima, para baixo, para a direita e para a esquerda, resta ainda uma direção que a maioria esquece de consultar, o olhar para dentro. É nela que a escala realmente se sobe, porque nenhum degrau externo sustenta quem não fez primeiro essa travessia interior.

A condição para subir

Há uma condição para subir, e ela é dura: soltar o rótulo. O preconceito começa no dia em que aceitamos ser aquilo que alguém escreveu sobre nós numa tarde qualquer. Se você foi chamado de insuficiente aos doze anos, aquilo não era um retrato, era a fotografia de um instante. Se numa avaliação de desempenho você foi lido por uma lente estreita, aquilo dizia mais sobre a lente do que sobre você.

Ninguém é permanentemente nada. Não somos seres petrificados, não somos quantificados por números, nem por datas, nem por épocas. Somos, a cada manhã, uma possibilidade recomeçada.

Um degrau por vez

Sobe-se um degrau por vez. Do insuficiente ao regular pela disciplina. Do regular ao satisfatório pela responsabilidade. Do satisfatório ao bom pela dedicação. E do bom ao ótimo pelo amor àquilo que se faz, que é a única força capaz de sustentar alguém quando a recompensa demora.

Não existe atalho entre um degrau e outro, e talvez seja essa a maior misericórdia da escala: ela exige tempo, e o tempo, bem usado, é o único professor que corrige sem humilhar.

O que sobra de uma vida não é a planilha. É o gesto, a palavra dita na hora certa, o professor que acreditou quando não havia razão estatística para acreditar, o líder que enxergou talento onde o indicador só via média. A memória guarda conceitos, não números. Nascermos para ser felizes e para ser eternos, e a eternidade não cabe em decimais. Não fomos criados para ser classificados. Fomos criados para ser plenos.

PARA APROFUNDAR

Textos que dialogam com esta reflexão em www.loterio.com.br: [Tu és esse homem](#), sobre a distorção da realidade e o hábito de ver-se nos outros; [Sempre firme, nem sempre forte](#), sobre a firmeza de caráter diante das provas; e, no canal [@ainorloterio](#) no YouTube, reflexões em vídeo sobre motivação, Ciclomotivação e desenvolvimento humano.

SOBRE O AUTOR

Aínor Francisco Lotério é engenheiro agrônomo, mestre em Gestão de Políticas Públicas, filósofo e teólogo, criador da Agrosafia e desenvolvedor da Agroteologia. Palestrante nos eixos Motivação, Cooperativismo, Comunicação, Longevidade e Agrosafia, construiu trajetória na extensão rural, na gestão pública como ex-Diretor da Epagri e ex-Prefeito de Camboriú/SC, e na consultoria cooperativa junto à Emater-RS/Ascar. É autor dos livros Pais Frouxos, Filhos Sofredores; Pais Firmes, Filhos Felizes; Paixão pelo Cooperativismo; A Eternidade em Nós; e Um Minuto de Inspiração.